

O território dos lambe-lambes

Desde o primeiro dia do ano, o posto da PM registrou três roubos, seis tentativas de furto e duas brigas. A segurança é garantida pelos 25 PMs que circulam pela Rodoviária a cada turno (só quatro turnos). No mezanino um policial em cada ponta controla o movimento lá embaixo com binóculos. Ao menor sinal de problemas, passa uma mensagem pelo rádio para os colegas.

Por ali, no mezanino, os dois restaurantes nunca estão cheios. As mesas são ocupadas por quem busca um lugar para sentar e descansar, fumar um cigarro ou apenas pensar na vida. Logo o local é invadido por 10, 20 meninos que correm pelos clientes para engraxar sapatos. Entre eles está André da Cruz, com 14 anos e o rosto parcialmente escondido por um boné. Filho mais velho de pais desempregados, ele é a única fonte de renda da família e por isso continua na Rodoviária até as 22h. Nos dias bons

tira entre R\$ 15 e R\$ 20 e entrega quase tudo para a mãe (separa um pouco para si, uns R\$ 50 por mês, para comprar roupas e sapatos). Não freqüenta a escola. "Achava muito chato", diz.

RODÍZIO

No andar térreo, um homem de pele avermelhada, com óculos grossos, está sentado junto a uma espécie de armário azul com as portas abertas. Aos 59 anos, Valdir Melo é o mais antigo lambe-lambe da Rodoviária. Ele ajudou a unir os colegas e estabelecer um revezamento entre os pontos de lambe-lambe. Isso porque a Rodoviária tem sua própria dinâmica. Um ponto na área de mais movimento — os melhores ficam nas plataformas A e B (dos ônibus com destino às maiores cidades), os piores junto às C e D — faz a diferença. "No ponto ruim às vezes nem vale a pena vir", afirma. Por isso a cada novo

dia os lambe-lambes trocam de lugar, para que todos tenham a mesma oportunidade aos clientes cada vez mais escassos.

Mesmo assim Valdir continua gostando de trabalhar ali, muito mais agora, depois da reforma. "Ficou cem por cento melhor. Antes era um lixo, agora é uma Rodoviária". Para manter o aspecto mais limpo depois da reforma, 105 funcionários, divididos em quatro turnos, trabalham 24 horas por dia varrendo e esfregando.

A reforma também mudou o sentido da saída dos ônibus, mas o princípio definido por Lucio Costa foi mantido. "O sistema de mão única obriga os ônibus na saída a uma volta fora da área coberta pela plataforma, o que permite ao viajante uma última vista do Eixo Monumental da cidade antes de entrar no Eixo Rodoviário — despedida psicologicamente desejável", planejou o urbanista.